

| 879 | O PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL PARA ALÉM DA REPARTIÇÃO: AYRTON CARVALHO, LUÍS SAIA E A DISCIPLINA 'ARQUITETURA NO BRASIL'

Juliana Melo Pereira

Resumo

Este artigo explora, através de uma perspectiva diferenciada, as ideias em circulação amalgamadas na constituição do campo da conservação no Brasil. Para tal, foi escolhido como recorte a disciplina 'Arquitetura no Brasil', inserida nos currículos das faculdades de Arquitetura na década de 1940. Fundamentalmente de história, esta disciplina foi lecionada quase que unanimemente por técnicos do IPHAN e permite vislumbrar o diálogo entre ideias em circulação em diferentes ambientes culturais, como universidades e outras instituições, cujos professores eram filiados. A análise é dedicada especialmente as aulas de Ayrton Carvalho e Luís Saia, ambos chefes de Distritos Regionais do IPHAN, no Recife e em São Paulo, respectivamente. Estes intelectuais participaram experiências pioneiras do Movimento Moderno no país – Diretoria de Arquitetura e Urbanismo e Missão de Pesquisas Folclóricas – e disseminaram ideias acerca da arquitetura tradicional brasileira e da salvaguarda. A análise sobre a disciplina 'Arquitetura no Brasil' mostra a ligação intrínseca e complementar entre os campos da arquitetura moderna e da conservação no país, que se conformaram juntos, referenciando um ao outro. É demonstrado, portanto, que para profissionais que seguiram pelos caminhos da salvaguarda quanto do projeto de arquitetura, o curso dessa disciplina serviu como ponto de partida.

Palavras-chave: ensino, patrimônio histórico e artístico nacional, circulação de ideias, Arquitetura no Brasil, arquitetura moderna.

1 Introdução

Por considerar o ensino um dos principais meios de disseminação de ideias, este artigo tem como objeto de estudo a disciplina 'Arquitetura no Brasil' e busca compreender as ideias em circulação que ajudaram a constituir o campo da conservação no país. Atualmente, a maior parte dos estudos que exploram as ideias na conformação deste campo tende a restringi-las àquelas disseminadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), minimizando a importância de outras redes e instituições, como as Universidades, Institutos Geográficos, Inspetorias de Monumentos, etc.

No sentido desta tendência, defendemos o argumento que, entre os intelectuais que conformaram o campo da conservação no Brasil, os referenciais foram múltiplos, resultantes das diversas formações, experiências profissionais e filiações teóricas. A fim de mostrar o diálogo entre as ideias, provenientes de diferentes formações e ambientes culturais, elegemos como recorte as aulas de 'Arquitetura no Brasil' lecionadas por Ayrton Carvalho e Luís Saia, que além de professores, foram chefes de Distrito Regional do IPHAN

e envolvidos com o movimento da Arquitetura Moderna. A escolha destes dois intelectuais no recorte também é um esforço no sentido de destacar a importância de diferentes trajetórias ainda pouco exploradas pela historiografia da conservação no país.

Deste modo, primeiramente procuramos apresentar Ayrton Carvalho e Luís Saia, destacando as experiências pioneiras da qual participaram no início de suas trajetórias profissionais: a Diretoria de Arquitetura e Urbanismo e a Missão de Pesquisas Folclóricas.¹ Depois, veremos como as ideias apropriadas durante estas experiências terão ressonâncias na disciplina 'Arquitetura no Brasil'. É importante destacar que entendemos a circulação de ideias como um processo que ocorre em diferentes vias e formas de interação, onde todos os envolvidos modificam e saem modificados. A complexidade das formas que os saberes e práticas são apropriados faz com que a noção simplista de 'influência', onde o fluxo se dá de um modelo central para sua aplicação periférica, se torne inadequada e substituída por outras mais abrangentes.

Por fim, cabe esclarecer que utilizamos na construção deste texto, além das fontes secundárias - Joaquim Cardozo (2007a, 2007b e 2009), Luiz Nunes (2003) e Antônio Baltar (2003) e Carlini (1938) - fontes primárias como jornais, notas de aula, cadernetas de campo, correspondências etc. Foram também fundamentais os depoimentos dos ex-alunos, Moisés Andrade, Geraldo Gomes, Geraldo Santana e Armando Rebollo², sem os quais não seria possível restituir a memória da disciplina 'Arquitetura no Brasil'.

2 Ayrton Carvalho e a gênese da Arquitetura Moderna em Pernambuco

Ayrton Carvalho formou-se em 1939, pela Escola Livre de Engenharia de Pernambuco. O curso já era referenciado regionalmente por sua excelência e contava com professores renomados como Joaquim Cardozo, Newton Maia, João Holmes Sobrinho, Luís Freyre, José Estelita, entre outros. Paralelamente a esta formação, Carvalho foi estagiário de Luís Nunes, na Diretoria de Arquitetura e Construção (DAC), uma experiência pioneira no sentido de romper com o atraso e pouca eficiência dos serviços públicos em Pernambuco.

A DAC reuniu um grupo em sintonia com os debates da arquitetura internacional e as peculiaridades locais e pode ser considerada uma das primeiras ações a fim de conformar uma escola de arquitetura moderna nacional. Criada em 1934, com o objetivo de coordenar e executar os projetos de edifício públicos do estado, a DAC inserida

¹ Por não ser foco deste artigo, apenas situaremos, sem grandes aprofundamentos, o papel destes intelectuais no IPHAN.

² Entrevista realizada por Eduardo Costa e disponível em <http://www.eduardocosta.arq.br/marcferrez/05_armando_rebollo.pdf>, acesso em 05 set. 2011.

num projeto de modernização da máquina administrativa, no primeiro mandato do interventor de Pernambuco, Carlos Lima Cavalcanti. Para chefiá-la, foi convidado o arquiteto mineiro, recém-formado pela ENBA, Luiz Nunes que conformou a equipe inicial junto aos engenheiros José Noberto, Gauss Estelita e Jaime Coutinho, o desenhista Hélio Feijó, os estudantes de engenharia Antônio Baltar e Ayrton Carvalho, além de muitos outros profissionais.

A diretoria inovou no serviço público pela tentativa de racionalização e padronização dos materiais e por inserir nas discussões diplomados e operários, em pé de igualdade, para melhores soluções construtivas. Pressões políticas fizeram com que a DAC fosse dissolvida em 1935, sendo retomada em 1936, como Diretoria de Arquitetura e Urbanismo (DAU) incorporando para sua pauta questões da cidade, junto a Luiz Nunes, fizeram parte da nova equipe: os arquitetos Fernando Saturnino de Britto, João Corrêia Lima e o paisagista Roberto Burle Marx.

Como estagiário, Ayrton Carvalho ficou responsável pela Seção de Materiais, encarregado do levantamento de todos os materiais utilizados nas construções. Segundo Joaquim Cardozo (2007) esta não era uma habilidade comum, pois deveria ser feito o levantamento minucioso de nomes, utilidades, vantagens e desvantagens do emprego de cada material. Cabia também a Carvalho, o estudo e classificação das possibilidades em conjunto dos materiais, por exemplo: madeira, ferros, vidros, materiais para coberturas e impermeabilização. Estes estudos resultaram em um caderno de encargos (uma espécie de catálogo) onde se escolhiam materiais adequados para cada construção da DAU.

A Diretoria assinava várias revistas nacionais e importadas, entre as quais *Pencil Points*, *Architecture D'Aujourd'hui* e *Architectural Form*, que eram distribuídas entre os funcionários, ficando cada um encarregado de ler determinado artigo, relatá-lo e apresentar sua apreciação sobre o texto. Os temas mais debatidos foram a obra da Bauhaus, as ideias de Le Corbusier, Walter Gropius, Mies Van Der Rohe, Hames Mayer, Andrea Lurçat e todo grupo francês (MELO, 2000:115). Durante o estágio na DAC/DAU, Ayrton Carvalho participou diretamente da construção de obras emblemáticas na história da arquitetura moderna brasileira como a Caixa d'Água de Olinda (Figura 1). A experiência da DAC/DAU apropriou-se dos preceitos da arquitetura em voga no eixo internacional, que unidos ao conhecimento sobre os materiais e técnicas construtivas locais, resultaram numa arquitetura moderna, genuinamente pernambucana e brasileira.



Figura 1: Edifício da Caixa d'água de Olinda, foto publicada na 'Brazil Builds'. Nos agradecimentos, Philip Godwin inclui Ayrton Carvalho, Antônio Baltar e Benício Dias, por mostrar a arquitetura moderna e colonial pernambucana (Fonte: Goodwin, 1943:89).

Segundo Glauco Campello (2001), a arquitetura seiscentista no Nordeste, se destaca pela conformação ao ambiente natural, aos condicionamentos locais, economia de meios e simplicidade pragmática (mesmo nas construções eruditas). O diálogo entre as construções da DAC com esta tradição colonial é evidente, nas técnicas construtivas, nos programas e na adaptação às condições locais, o que permitiu criar projetos de arrojo arquitetônico e estrutural, utilizando elementos da arquitetura local, como o combogó, para adaptação climática. Esta reinterpretação das tradições, somado caráter empirista da diretoria, de experimentar e buscar *in loco* novas soluções, unidas à base na Escola Livre de Engenharia, se refletiu tanto na prática de Ayrton Carvalho à frente do IPHAN, quanto na docência.

A equipe da DAU se dispersou em 1937, após o falecimento precoce de Luiz Nunes. Ayrton Carvalho formou-se e ingressou no IPHAN, como Assistente Técnico de 3º classe, responsável por fiscalizar e coordenar as obras em andamento. É importante ressaltar que além do conhecimento adquirido, os contatos tecidos e os conhecimentos adquiridos na DAC/DAU foram fundamentais para sua indicação.

3 Luís Saia e a Missão de Pesquisas Folclóricas

Luís Saia formou-se em engenheiro-arquiteto, pela Escola Politécnica da Universidade São Paulo, no período entre 1932 e 1948, tendo abandonado a graduação várias vezes, para se dedicar às atividades complementares. O curso da Escola Politécnica reunia os saberes da engenharia, arquitetura e urbanismo, concedendo aos seus alunos uma formação integral e métodos precisos para projetar e construir. Entre os professores de Saia, destacam-se os urbanistas Francisco Prestes Maia e Luiz Anhaia Mello. Ainda estudante, o interesse pelos estudos da cultura e etnografia o levou Luís Saia a contribuir com os projetos de Mário

de Andrade, participando junto ao escritor do pioneiro Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo (1933) e do Anteprojeto do IPHAN.

As primeiras manifestações de salvaguarda no Brasil se deram no período de intensa busca pela identidade cultural no início do século XX. Neste contexto, as viagens de ‘redescoberta’ realizada ao interior do país, em busca dessa identidade, constituíram um importante aporte para identificar expressões que constituiriam patrimônio histórico artístico nacional. Pesquisar e entender o Brasil, desvendar uma cultura brasileira, entender sua formação racial e suas raízes, conformaram o principal esforço dos intelectuais ligados a diferentes correntes de pensamento – como o Nacionalismo, o Regionalismo, o Modernismo e o Neocolonial – entre décadas de 1920 e 1930. O Centenário da Independência (1922), a Semana de Arte Moderna (1922) e o Congresso Regionalista (1926), foram algumas manifestações deste esforço que teve seu ápice durante o regime estadonovista.

Toda essa movimentação intelectual foi acompanhada por Luís Saia, que em 1936 participou do 1º Curso de Etnologia e Folclore, ministrado por Dina Lévi-Strauss. O objetivo era formar um quadro de pesquisadores especializados em colher cientificamente os costumes, as tradições populares e os caracteres raciais (RUBINO, 1995). Saia também foi sócio fundador da Sociedade de Etnografia e Folclore e participou da Missão de Pesquisas Folclóricas, enviada pelo Departamento de Cultura de São Paulo para percorrer o Norte e Nordeste do Brasil, equipada de aparelhos de gravação, máquinas fotográficas e cinematográficas, “visando documentar o folclore musical e mais o que a êste estivesse porventura relacionado” (SAIA, 1944:9).

A equipe composta pelo maestro Martin Branwieser, o técnico de gravação Benedito Pacheco e o auxiliar geral Antônio Ladeira partiu em 1938, liderada pelo ainda estudante de engenharia, Luís Saia. Foram percorridos nove estados da região Norte e Nordeste registrando as mais diversas expressões da cultura popular. As cadernetas de campo registraram toda pesquisa realizada pela equipe das Missões, onde estão descrições detalhadas sobre uma infinidade de manifestações folclóricas como: danças, músicas, rituais religiosos, instrumentos, hábitos alimentares, arquitetura etc. A maioria das notas registradas por Luís Saia, que inicialmente mostra uma maior preocupação e rigor em descrever as manifestações folclóricas e seus participantes, mas com o passar do tempo, passa a registrar com frequência os diversos tipos da arquitetura vernácula, seus elementos e técnicas construtivas.

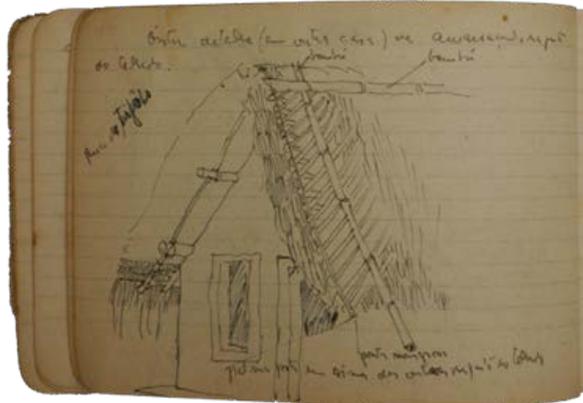


Figura 2: Caderneta de campo - notas de Saia sobre os telhados das casas do município de Areias (Fonte: Centro Cultural São Paulo).

A primeira parada da Missão com tempo de permanência considerável foi no Recife. Assim como aconteceria em outras cidades, a equipe foi recebida por intelectuais amigos de Mário de Andrade – o poeta Ascenso Ferreira e o jornalista Waldemar de Oliveira – que logo advertiram sobre a delicada situação política na cidade. No tempo em que a Missão permaneceu na cidade, foram instalados os equipamentos de gravação no teatro Santa Izabel, e registrados cânticos de maracatu, caboclinho, carregadores de pianos, entre outros (CARLINI, 1994). Uma pausa foi dada às pesquisas em Recife e a Missão partiu para o interior do estado de Pernambuco, com paradas rápidas em alguns municípios. Em Tracatu, Saia recolheu uma série de ex-votos, artefato despertou seu interesse e, anos depois, foi tema de seu primeiro livro, 'Escultura Popular Brasileira' (SAIA, 1944). Em pouco mais de uma semana, a equipe retornou à capital, a fim de finalizar seus registros etnográficos e partiu para a Paraíba.

Em março, a Missão chegou a João Pessoa foi recepcionada pelo escritor Ademar Vidal, que também se encarregou de intermediar os contatos políticos. A Missão partiu para explorar o sertão paraibano, percorrendo pequenas cidades com paradas para registros eventuais até chegada da equipe no município de Campina Grande, onde foi possível registrar uma grande feira que tomava conta da cidade e adquirir materiais de cunho etnográfico. A Missão seguiu em direção à região do Cariri, no município de Patos, onde fizeram vários registros da vaquejada e do modo de vida do vaqueiro.

A situação política em São Paulo, com a saída do prefeito Fábio Prado e afastamento de Mário de Andrade do Departamento de Cultura, gerou incertezas sobre a continuidade da Missão. A equipe regressou para João Pessoa e iniciou um período de atividades intensas para finalizar o mais rápido possível as pesquisas no estado e partir, numa viagem longa e desgastante, rumo aos estados do Maranhão e Pará. A Missão

permaneceu na capital maranhense por cinco dias, tempo suficiente para registrar os rituais do Tambor de Mina, Tambor de Crioulo e as danças do Bumba-meu-boi e Carimbó. A última empreitada foi na cidade de Belém do Pará, onde numa situação mais confortável do que a anterior, a Missão pôde se dedicar ao registro de danças dramáticas, como o Boi-bumbá, e cultos de feitiçaria, como o Babassuê.

A equipe regressou de navio para São Paulo em julho de 1938. Apesar de ter sido prejudicada pela conjuntura política, pois nem todos os estados previstos foram visitados, podemos afirmar que a Missão de Pesquisas Folclóricas foi bem sucedida. O material recolhido se encontra atualmente no Acervo do Centro Cultural São Paulo, disponível para consultas e continua subsidiando todo tipo de pesquisa. A experiência de percorrer o Nordeste do país marcou profundamente os quatro integrantes da Missão. Em Luís Saia, que nos interessa pontuar, desenvolveu profunda sensibilidade para a arquitetura rústica e popular, em complemento à sua formação na escola de matriz Politécnica. Nos seus futuros trabalhos de restauração é possível observar a pesquisa detalhada dos aspectos históricos e sociológicos das edificações, o conhecimento adquirido das mais adversas técnicas construtivas serviu de base para elaboração de projetos.

4 A circulação de ideias na disciplina Arquitetura no Brasil

Até meados da década de 1940, os cursos brasileiros de Arquitetura eram vinculados a duas escolas de matrizes divergentes: a Escola de Belas Artes e a Escola Politécnica. O curso vinculado à Belas Artes priorizava os aspectos estéticos, adotava como referência os tratados arquitetônicos clássicos e a influência de estilos estrangeiros. Já o curso ligado à Politécnica era uma espécie de especialização da engenharia (formava engenheiros-arquitetos), tornava os engenheiros aptos a projetar e construir soluções práticas para a demanda cotidiana da construção civil.

Um episódio que marca a busca por autonomia dos cursos de Arquitetura é a curta e polêmica passagem de Lúcio Costa na direção da ENBA, em 1930, período em que o estilo Neocolonial estava no auge. O arquiteto foi convidado para dirigir e promover uma reforma no ensino nesta escola, tal convite foi consequência do esforço para renovação do aparelho estatal que marcou o primeiro mandato do presidente Getúlio Vargas, a fim de desvincular o país da imagem de atraso relacionada à estrutura política anterior. A criação do Ministério de Educação e Saúde (MES) fez parte desta política, Francisco Campos foi nomeado ministro e o intelectual Rodrigo Mello Franco de Andrade, seu chefe de gabinete. Ao assumir a diretoria da ENBA, Lúcio Costa declarou aos jornais a necessidade de uma

transformação radical na estrutura do curso de arquitetura. Para o arquiteto, os alunos aprendiam a fazer “cenografia, ‘estilo’, arqueologia, (...) casas espanholas de terceira mão, miniaturas de castelos medievais, falsos coloniais, tudo, menos arquitetura” (COSTA, 1930 in: XAVIER, 2003:56).

As ações de Lúcio Costa provocaram fortes reações nos professores da Escola, ligados ao ensino tradicional, especialmente José Mariano Filho, que encabeçava o movimento Neocolonial. O impasse tomou proporções públicas e, apesar de Costa ter deixado o cargo na ENBA, despertou o anseio por uma escola de arquitetura moderna e brasileira. Em 1945 seria criada a Faculdade Nacional de Arquitetura separada da ENBA, ao seu exemplo outras faculdades foram fundadas: em São Paulo, a Faculdade de Arquitetura Mackenzie (1947), separada da Escola de Engenharia Mackenzie, e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (1948), oriunda da Escola Politécnica; no Rio Grande do Sul, a Faculdade de Arquitetura (1952) foi separada do Instituto de Belas Artes; na Bahia a Faculdade de Arquitetura da UFBA (1959); em Pernambuco a Faculdade de Arquitetura da UFPE (1959) (CHUVA, 2008:241).

No currículo dessas faculdades recém-criadas que se inseriu a disciplina ‘Arquitetura no Brasil’, a fim de suprir os conhecimentos sobre a arquitetura tradicional brasileira, até então, ainda muito incipientes. O ensino de Arquitetura era voltado para os estilos europeus, até a década de 1920, quando surgem maiores interesses pela arquitetura nacional. Nesta ruptura, não se pode desconsiderar a importância do movimento Neocolonial, fortemente disseminado na ENBA, e das viagens promovidas por José Marianno Filho, que subverteram os tradicionais roteiros à Europa, e mais tarde também foram subvertidas em seu sentido, como observamos nos roteiros da Missão de Pesquisas Folclóricas.

Na arquitetura nacional duas expressões se tornaram hegemônicas, após os embates com o Neocolonial na década de 1930: a arquitetura colonial e a arquitetura moderna. Para se concretizar uma arquitetura moderna e autêntica brasileira, era imprescindível conhecer sua arquitetura tradicional. Portanto, esta passa a ser tema de uma disciplina importante do último ano do curso de arquitetura, concedendo o saber necessário tanto na elaboração de projetos da ‘boa arquitetura’ moderna, quanto na prática da salvaguarda. Sobre o objetivo desta disciplina, Sylvio Vasconcellos, arquiteto, chefe do 3º Distrito do IPHAN e professor catedrático da FAU-UFMG, afirmou:

O ensino da cadeira ‘Arquitetura no Brasil’ pode proporcionar maior preservação do acervo tradicional do país não diretamente talvez, mas pelo

amor que puder incutir nos jovens arquitetos pelas nossas coisas. À medida que melhor conhecermos a arquitetura tradicional, que por vários séculos serviu ao país, mais habilitados estaremos para realizar uma melhor arquitetura nos dias de hoje e, conseqüentemente respeitaremos mais a de ontem (O ENSINO da arquitetura se ressentido dos males comuns ao nosso ensino. A Hora. Porto Alegre, 9 mai. 1956).

Tanto para os alunos interessados em seguir os caminhos da preservação, quanto para os que preferiam o projeto de arquitetura moderna, 'Arquitetura no Brasil' seria um ponto de partida e referência. Na inexistência de cursos e especializações sobre arquitetura brasileira, os aptos a ministrarem esta disciplina eram aqueles que detinham conhecimentos práticos em experiências de conservação ou que, pela iniciativa própria, se debruçavam sobre o estudo da temática. É importante destacar que, por ser uma disciplina inserida no currículo dos cursos de arquitetura criados a partir da década de 1940, era fundamental que seus professores partilhassem da perspectiva modernista da arquitetura. Isso explica, em parte, a presença maciça de técnicos do IPHAN à frente da disciplina e ausência dos entusiastas do movimento Neocolonial, apesar de também serem estudiosos e conhecedores da arquitetura tradicional brasileira.

'Arquitetura no Brasil' era uma disciplina, fundamentalmente de história. Discorria sobre arquitetura brasileira e suas técnicas construtivas e expressões em diferentes localidades, como São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, etc. O foco, como não poderia ser diferente, era arquitetura colonial, abriam-se, no entanto, espaços para discussão da arquitetura moderna. Não havia muitos livros sobre a arquitetura brasileira, o que fazia da disciplina essencialmente verbal, com frequentes visitas de campo, experimentação das construções, apoiadas em textos, relatórios técnicos, revistas do IPHAN e revistas reconhecidas como *Architecture d'Aujourd'hui* e *Acrópole*.

Com suas trajetórias profissionais ligadas desde o início às experiências modernistas, tanto Ayrton Carvalho, quanto Luís Saia conciliaram o trabalho no 'Patrimônio' com a atividade de docência, ambos ministraram a disciplina 'Arquitetura no Brasil'. No caso de Carvalho, isso transcorreu quase toda sua vida profissional, pois lecionou no curso de Arquitetura da Escola de Belas Artes (depois Faculdade de Arquitetura) da Universidade do Recife por mais de trinta anos, contribuindo, portanto, para a formação de muitos arquitetos. Já Luís Saia, apesar de ter organizado vários cursos em diferentes instituições, ensinou no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo por apenas quatro anos. Curto período que não o impediu de trazer ideias inovadoras e impactantes, tampouco de manter contato constante com os estudantes.

Mesmo sendo formado em engenharia, Ayrton Carvalho teve seus laços com a arquitetura estreitados durante o estágio na Diretoria de Arquitetura e Urbanismo. Sem dúvidas, a tarefa que lhe coube na Seção de Materiais forneceu discernimento sobre os materiais e técnicas construtivas da arquitetura tradicional brasileira. Este tirocínio pode ser observado em um dos seus raros textos, em que discorre sobre o uso da pedra na arquitetura religiosa no Nordeste, considerando as ocorrências geológicas de cada região e as propriedades físicas deste material construtivo (CARVALHO, 1942).

O ingresso de Ayrton Carvalho na docência de Arquitetura se deu como professor substituto da disciplina 'Urbanismo e Arquitetura' (entre 1936 e 1937) ³ havia poucos arquitetos diplomados na cidade e, muito menos, com experiências em urbanismo. O conhecimento adquirido durante o trabalho na DAU foi fundamental para esta indicação, visto que seu companheiro de estágio, Antônio Baltar, também seria professor desta cadeira. Em 1948, Ayrton Carvalho, foi contratado como professor interino da disciplina 'Arquitetura no Brasil', da qual após dois anos se tornaria professor catedrático através de concurso e permaneceria assim até 1981, quando seu falecimento. Foram companheiros de docência de Ayrton Carvalho, arquitetos de destaque da arquitetura moderna pernambucana como Acácio Gil Borsóí, Delfim Amorim e Reginaldo Esteves; engenheiros que atuaram intensamente no âmbito do urbanismo na administração pública como Pelópidas Silveira e Edgar d'Amorim; o filósofo Evaldo Coutinho entre outros intelectuais renomados.

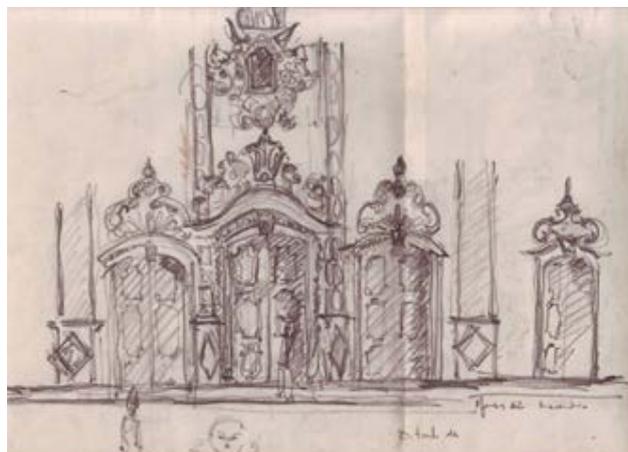
Sobre as aulas de 'Arquitetura no Brasil', o arquiteto Moisés Andrade - que foi aluno de Carvalho - relatou que aconteciam viagens, nas quais iam os estudantes, professores e instrutores convidados, como José Maria Albuquerque Melo. Nestas viagens foram percorridas cidades do interior do Rio de Janeiro (Mauá, Vassouras), São Paulo, Goiás, Bahia, Alagoas (Penedo, Marechal Deodoro, São Gonçalo), Sergipe (São Cristóvão, Laranjeiras) e Paraíba. Nas aulas de campo, os alunos visitavam, além de monumentos, obras de restauração realizadas pelo IPHAN, algumas obras da arquitetura contemporânea.⁴

Nas aulas, os alunos deveriam tomar suas notas, fazer levantamentos e desenhos de observação para posterior avaliação. Os desenhos eram orientados por Ayrton Carvalho ou por instrutores que acompanhavam as viagens, desse modo os alunos aprimoravam suas habilidades em desenho, aprendiam sobre a história da arquitetura brasileira e também sobre seus materiais, técnicas construtivas. O saber era construído *in loco*, através da

³ Currículo Vitae de Ayrton Carvalho. Recife, 2 jun. 1982.

⁴ Entre estas visitas a edificações contemporâneas podemos citar a visita ao Teatro Castro Alves em Salvador, acompanhada pela palestra do arquiteto José Bina Fonyat, e a visita ao Hotel Bahia, com o arquiteto Paulo Antunes Ribeiro. (Moisés Andrade, 2011).

experimentação, ressonância da formação empirista e autodidata de Ayrton Carvalho na Escola de Engenharia e DAU. Muitos dos monumentos visitados em cidades nordestinas, como a Igreja de São Gonçalo Garcia, estão presentes no já citado artigo de Ayrton Carvalho.



Figuras 3 e 4: Igreja de São Gonçalo Garcia (Penedo). Desenhos de observação para a disciplina Arquitetura no Brasil; (Fonte: Moisés Andrade, 1962).

Além das aulas, visitas e viagens de campo, Ayrton Carvalho orientou pessoalmente os estudos de alguns alunos que se demonstravam interesses pela arquitetura brasileira e o patrimônio histórico. Para o professor, a arquitetura brasileira precisava ser conhecida, estudada e teorizada, este entendimento converge com o pensamento modernista de que a arquitetura nacional não era uma cópia, tinha suas raízes e precisava ser compreendida. Entre os alunos orientados, estavam José Luiz da Mota Menezes e Geraldo Gomes, que mais tarde iriam seguir os caminhos de Carvalho e prestar suas próprias contribuições para o campo da conservação.

Em entrevista, Geraldo Gomes relatou que após o curso da disciplina 'Arquitetura no Brasil' foi convidado por Ayrton Carvalho a frequentar a biblioteca do IPHAN diariamente, lá o professor lhe indicava livros para serem lidos e fichados. Anos mais tarde, a indicação de do professor foi fundamental para que Geraldo Gomes seguisse para Portugal, como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian, a fim de estudar as raízes portuguesas na escola franciscana na região Nordeste do Brasil.⁵ Ayrton Carvalho demonstrou nesta indicação, em convergência com as ideias de Sérgio Buarque de Hollanda, em Raízes do Brasil, que valorizava os traços portugueses na formação brasileira, especialmente suas expressões nos modos de morar e construir.

Luís Saia não permaneceu tanto tempo quanto Ayrton no magistério, entretanto, sua relação com os alunos, já existente antes da docência, permaneceu estreita, independente

⁵ Geraldo Gomes. Carta a Ayrton Carvalho. Recife, 10 set. 1963.

dos conflitos sucedidos ao longo desta experiência. Saia entrou em 1951, na Universidade de São Paulo como professor assistente da disciplina 'Arquitetura no Brasil' e após três anos, na ocasião da aposentadoria do professor Carlos Gardim, participou do concurso para professor titular com a tese 'Da arquitetura', Este concurso foi anulado e o episódio causou grande desconforto narrado diversas vezes pelo próprio Saia.

Ao contrário do curso de arquitetura do Recife, o curso de São Paulo era de matriz Politécnica. O curto período em que Saia esteve na FAU-USP foi o suficiente para contribuir com a pequena revolução já em andamento. As aulas de 'Arquitetura no Brasil' contavam com a visão não só de um arquiteto, mas também de um folclorista que mostrava aos seus alunos algo mais que a arquitetura tradicional barroca consagrada. O olhar etnográfico de Saia e sua sensibilidade com a arquitetura rústica, desenvolvidos em sua experiência na Missão de Pesquisas Folclóricas, trouxeram o diferencial à disciplina. Para além da arquitetura colonial, as manifestações populares, o saber fazer e a arquitetura popular passaram a ser também objetos de observação. Antes mesmo de ser professor, Saia influenciou a criação de um Centro de Estudos Folclóricos (CEF) formado por alunos da FAU em 1949, como mostra o depoimento de Plínio Venanzi, um dos membros do CEF:

(...) O Luís Saia foi o homem que nos impulsionou, foi a alma da coisa. O Centro de Estudos Folclóricos nasceu aí, desse relacionamento porque passávamos horas conversando na rua Marconi, ele tinha bons livros, ele tinha escrito muita coisa. O peso mesmo foi o SPHAN, o Saia, o fotógrafo que nos dava aulas fantásticas, o Germano Graeser. O Artigas nos instigava a ir lá, eles tinham uma boa biblioteca, colocavam à nossa disposição, fotografias, eram eles que nos alimentavam (Plínio Venanzi, in: SODRÉ, 2010:166-167).

O CEF organizou viagens, uma exposição em homenagem a Mário de Andrade e algumas publicações. Na exposição, ocorrida em 1949, foram mostrados os levantamentos feitos pelos alunos em Aldeia de Carapicuíba, sob orientação de Luís Saia, além de artefatos recolhidos em viagens ao Nordeste. O CEF organizou, entre 1950 e 1955, a publicação vários textos (muitos originais da Revista do SPHAN) de maneira semiartesanal, como mostra Sodré (2010), eram textos que discutiam temas abordados no último ano do curso de arquitetura em disciplinas como 'Arquitetura no Brasil' e 'História da Arte'. Entre estas publicações estavam 'Notas sobre o uso da pedra na arquitetura religiosa no Nordeste', de Ayrton Carvalho, e 'Notas sobre a arquitetura rural do segundo século' de Luís Saia.

Assim como na disciplina de Ayrton Carvalho, as viagens tinham um importante papel nas aulas de 'Arquitetura no Brasil' ministradas por Luís Saia que, no contexto da USP,

transcenderam os limites da disciplina. As primeiras viagens dos alunos eram voltadas para roteiros paulistas, os alunos visitavam Aldeia de Carapicuíba e monumentos ligados à fundação de São Paulo, tema bastante desenvolvido por Luís Saia. Os roteiros incluíam casas bandeiristas do século XVII, como o Sítio do Mandu, Sítio do Padre Inácio e a Igreja Jesuítica do Embu. Além da influência das Missões Folclóricas, estes itinerários refletem a efervescência gerada em torno do IV Centenário da cidade de São Paulo, em 1954, e adoção da imagem do bandeirante como representação da identidade paulista.

Outros roteiros além das fronteiras paulistas foram realizados pelos alunos da FAU-USP: o Rio de Janeiro, para conhecer arquitetura moderna, Minas Gerais, em busca da arquitetura barroca e moderna, e ao Nordeste, com interesses na arquitetura colonial e popular, além do folclore, tão debatido na escola paulista. Estes roteiros expressam que o entendimento sobre o patrimônio histórico e artístico nacional foi forjado por este grupo a partir das viagens, que eram verdadeiras pesquisas, práticas empíricas no sentido de constituir um arcabouço sobre a arquitetura brasileira.

Em 1959, ao se interessar por um roteiro alternativo a ser realizado por alunos da FAU-USP, Saia pediu indicações a Rodrigo Mello Franco de Andrade e sugeriu que a viagem poderia ser útil às pesquisas do IPHAN. Isto evidencia que Saia valorizava as viagens enquanto pesquisas, fundamentais para a construção de um saber acerca da arquitetura e do patrimônio, crucial para constituir o campo da conservação no Brasil. O contato de Saia com os alunos da FAU-USP também evidencia que a circulação de ideias extrapolava os limites desta instituição e não transcorria numa via única (o professor como agente ativo e os alunos passivos). Tanto Saia, enquanto professor e orientador levava novas ideias aos seus alunos, quanto os alunos absorviam o conhecimento que lhes era passado e ampliava-o com novas propostas.

*Meu caro Dr. Rodrigo,
os portadores deste bilhete são estudantes da Faculdade de Arq. e Urbanismo e estão aproveitando as férias para viajar. Querem, desta vez, conhecer o vale do São Francisco. Num roteiro estudado em cima do joelho se imaginou que teria interesse seguir de Pirapora até abaixo de Juazeiro, por onde seguirão para zona do Padre Cícero no Ceará e daí para João Pessoa – Recife ou diretamente a Recife, por Itabaiana.
Pouca coisa pude indicar a eles porque não percorri a zona do São Francisco. Talvez aí no Patrimônio exista alguma indicação de coisa a ser pesquisada. Eles tem boa embocadura para isso. No percurso do Estado da Paraíba passarão pela fazenda Acauan.
O interesse desta apresentação pode ser tanto para eles que querem indicações, como para o próprio Patrimônio que pode aproveitar a viagem para a colheita de material de valor informativo.*

Com um abraço amigo do Saia. (Luís Saia. Carta a Rodrigo Mello Franco. São Paulo, 07 jan. 1958)

Como é possível observar, a relação de Saia com os alunos da USP foi uma constante, assim como aconteceu com Ayrton Carvalho, a prática da docência extrapolou os limites da sala de aula e se estendeu à rotina de trabalho na repartição, ambiente propício onde buscaram inserir os alunos interessados na arquitetura tradicional brasileira e conservação. Em seu longo percurso na vida acadêmica, Ayrton Carvalho não deixou muitos escritos, sua formação essencialmente empírica fez com que preferisse as experiências *in loco* (o que não quer dizer que desconhecesse a teoria), onde os alunos poderiam observar pessoalmente os detalhes da arquitetura tradicional.

Já em relação à Saia, muitos foram os seus escritos, e não é porque passou quatro anos na USP que deixou de acompanhar e formar inúmeros profissionais. Em 1956, quando foi convidado a contribuir com um seminário do Grêmio Estudantil da FAU-USP sobre o ensino de arquitetura, Saia aconselhou aos alunos, como solução para as deficiências do currículo da graduação, o esforço pessoal, na escolha de contatos pessoais e dos caminhos apropriados. Assim como foi orientado em seu caminho por Mário de Andrade, Saia não hesitou em orientar a trajetória de diversos alunos que optaram por atuar no campo da arquitetura e da conservação.

O estudo aprofundado de materiais e os conhecimentos sobre arquitetura tradicional, adquiridos por Ayrton Carvalho, durante a formação na Escola de Engenharia e o estágio na DAC/DAU, lhe abriram possibilidades profissionais. O saber sobre a arquitetura moderna e tradicional ainda se conformava e começava a se disseminar, quando o engenheiro já tinham participado de uma experiência. A passagem na DAC/DAU fez de Ayrton Carvalho um entusiasta da arquitetura moderna, alguns anos depois, receberia e abrigaria no 1º Distrito, os arquitetos Delfim Amorim e Acácio Gil Borsóí, responsáveis, assim como Luiz Nunes, pela produção de uma arquitetura moderna pernambucana.

Conhecer o Norte e Nordeste do Brasil, em busca de manifestações folclóricas concedeu à Saia, tirocínio sobre as mais variadas técnicas construtivas, além de o inteirar sobre as mais diversas realidades sociais do país. Estas experiências se refletem na prática da docência, tanto os alunos de Saia, quanto os de Carvalho, foram instigados a viajar, a ir a campo pesquisar, sintetizar e constituir o conhecimento sobre a arquitetura brasileira e a cultura popular, fosse para atuar na sua salvaguarda ou para produzir uma nova arquitetura de 'espírito sadio'. É importante destacar, que a preocupação com as questões sociais foi uma das principais marcas da Escola Paulista de Arquitetura Moderna, desenvolvida entre as

décadas de 1950 e 1970, tal fato não pode ser desvinculado do ensino que esta geração recebeu na FAU-USP, principalmente das ideias disseminadas por professores considerados inovadores como Luís Saia, Vilanova Artigas e Lina Bo Bardi.⁶

Neste artigo demonstramos através do estudo das práticas de Ayrton Carvalho e Luís Saia, parte do jogo de saberes que constituiu o campo da conservação no Brasil, para além dos limites do IPHAN. Partindo do questionamento sobre como estes intelectuais teriam participado deste processo, ratificamos a hipótese de que a contribuição deles não se restringiu à prática na instituição, mas foi muito mais ampla e diversificada, resultante de múltiplos referenciais.

Deste modo, podemos concluir que as práticas da salvaguarda no Brasil, bem como os avanços no sentido de sua institucionalização, se constituíram paralelamente às viagens, pesquisas e debates acerca da arquitetura nacional, que tiveram base nas ideias propaladas pelos movimentos Moderno e Neocolonial, ligados pelo sentimento nacionalista. Neste sentido, a disciplina 'Arquitetura no Brasil' foi fundamental para a construção do saber sobre a arquitetura brasileira, de modo independente daquela que estava se institucionalizando como patrimônio histórico e artístico nacional. A partir ela foi despertada a sensibilidade de alunos que se encaminharam para atuar no campo da conservação e o tirocínio necessário para a continuidade de uma arquitetura moderna e brasileira.

Referências bibliográficas

- BALTAR, Antônio. Entrevista. In: MONTENEGRO, A.; SIQUEIRA, A. J. ; AGUIAR, A. C. M. **Engenheiros do tempo: Memórias da Escola de Engenharia de Pernambuco**. Recife: Ed. Universitária UFPE, 1995.
- _____. Luiz Nunes. In: XAVIER, Alberto (Org). **Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- CARDOZO, Joaquim. A Diretoria de Arquitetura e Urbanismo (DAU): olhada de um ponto de vista atual. In: CARDOZO, Joaquim. **Poesia completa e prosa**. Recife: Massangana, 2007a.
- _____. Dois episódios da arquitetura moderna brasileira. Módulo. Rio de Janeiro: n.4, p.32-35, mar 1956. In: XAVIER, Alberto (Org). **Depoimento de uma geração– arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

⁶ Em 1956, estes três professores foram convidados pelos alunos a participar das discussões sobre a mudança curricular do curso de Arquitetura e Urbanismo o que mostra a importância deles para essa geração. As palestras foram registrada e podem ser consultadas em: GRÊMIO DA FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO(1956).

- _____. Encontro com a década de 1920. Prefácio do livro de Souza Barros: A década de 1920 em Pernambuco. Rio de Janeiro: 1972. In: CARDOZO, Joaquim. **Poesia completa e prosa**. Recife: Massangana, 2007b.
- CARLINI, Álvaro. **Cante lá que gravam de cá**: Mário de Andrade e as Missões de Pesquisa Folclóricas de 1938. São Paulo: Dissertação de Mestrado/ FFLCH, 1994.
- CAMPELLO, Glauco de O. **O brilho da simplicidade**: dois estudos sobre a arquitetura religiosa no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.
- CARVALHO, Ayrton. Algumas notas sobre o uso da pedra na arquitetura religiosa do Nordeste. **Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional**, nº. 06/1942, p.277
- CHUVA, Márcia. **Os arquitetos da Memória**: sociogênese das práticas da preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940). Rio de Janeiro Editora UFRJ, 2008.
- GOODWIN, Philip. **Brazil Builds**: Architecture New and Old (1652-1942). New York: Museum of Modern Art, 1943.
- GRÊMIO DA FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO. **Textos sobre o ensino de arquitetura**. São Paulo: GFAU-USP, 1956 (texto datilografado).
- NUNES, Luiz. Uma diretoria de arquitetura. In: XAVIER, Alberto (Org). **Depoimento de uma geração** - arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- RUBINO, Silvana. Clube de pesquisadores: a Sociedade de Etnografia e Folclore e a Sociedade de Sociologia. In: MICELI, Sérgio (Org.) **História das Ciências Sociais no Brasil**, v.2. São Paulo: Editora Sumaré, 1995, p.479-522.
- SAIA, Luís. Até os 35 anos, a fase heroica. **CJ Arquitetura** - Revista de Arquitetura, planejamento e construção. Rio de Janeiro: FC. Editora, 1977, ano V, nº. 17: 16-21.
- _____. **Escultura popular brasileira**. São Paulo: A Gazeta, 1944.
- _____. **Morada Paulista**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- SODRÉ, João Clarck A. **Arquitetura e viagens de formação pelo Brasil**: 1938-1962. São Paulo: Dissertação de mestrado/FAU-USP, 2010.
- XAVIER, Alberto (Org). **Depoimento de uma geração**- arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.